
De passagem pela Virada Cultural

Giancarlo Marques Carraro Machado



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/322>

DOI: 10.4000/pontourbe.322

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 julho 2012

Refêrencia eletrónica

Giancarlo Marques Carraro Machado, « *De passagem pela Virada Cultural* », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 01 julho 2012, consultado o 15 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/322>

Este documento foi criado de forma automática no dia 15 setembro 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

De passagem pela Virada Cultural

Giancarlo Marques Carraro Machado

- 1 Em maio de 2012 tive a oportunidade de participar pela primeira vez da Virada Cultural, evento promovido pela Prefeitura de São Paulo. Fiquei um pouco apreensivo antes de ir, visto que os relatos que ouvira em outrora nem sempre eram em tons positivos. Algumas pessoas com as quais conversei evocaram uma suposta “desorganização” durante os shows, associadas ao “perigo” por se inserir numa multidão e por se locomover em meio a um espaço público. Tanto que me recomendaram a não levar a carteira (dinheiro e documentos deveriam ficar escondidos nos bolsos), a tomar cuidado com o celular e outros pertences, além de ter muita cautela, a fim de evitar possíveis dissabores (brigas, arrastões, etc.). Não me intimidei com esses comentários, e resolvi conferir com meus próprios olhos e ouvidos a tão famosa Virada Cultural.
- 2 Saí de casa rumo à estação Vila Madalena do metrô. Meu objetivo era ir até a estação República, onde encontraria outros pesquisadores ligados ao NAU Cidades. A partir dali acompanharíamos juntamente a Virada Cultural 2012. A cada estação aumentava a movimentação de pessoas, jovens em sua maioria, que também se dirigiam ao evento, cujo início estava previsto para as 18 horas. A sociabilidade entre os participantes começava a ser tecida durante o trajeto. As conversas se distanciavam das coisas “sérias” da vida cotidiana, tanto que o mote dos assuntos que tive a chance de ouvir se referia a programação que cada um pretendia fazer dentre o leque de opções disponíveis. O importante, pelo que percebi, era não ficar parado num só local. Com efeito, antes mesmo de chegar à região central já tinha ficado claro que a *mobilidade* – de acordo com a perspectiva que Simmel (1983) faz do termo, ao associá-la à figura do *estrangeiro* que se coloca no meio urbano – não só por diversos espaços, mas também, por múltiplas interações, seria algo revelador para a compreensão da dinâmica socioespacial que permeia a realização da Virada Cultural.
- 3 Embora fosse um sábado à noite, eram relativamente poucas pessoas que retornavam da região central para seus respectivos bairros, tal como comumente é feito. Ao contrário, muitos optavam por fazer o trajeto inverso: saíam de suas residências rumo ao Centro, onde seria, pelo menos naquele final de semana, o local de encontro para

milhares de cidadãos provenientes de diversas partes da cidade, do Estado e até do país. Aquela noite, a qual começara friamente, aos poucos se tornava efervescente. Valia tudo, ou quase tudo, naquelas próximas 24 horas de “cultura” e “festa” em São Paulo.

- 4 Ao chegar à estação República, uma multidão seguia para fora do local. Mas também havia pequenos grupos reunidos nas imediações das catracas, as quais se constituíam como um ponto de encontro, inclusive para nós, pesquisadores. A nossa pretensão era fazer uma caminhada coletiva que passasse por vários espaços da região central, o que nos possibilitaria observar atentamente as práticas que ora se davam em decorrência das festividades. Se naquele momento não fazíamos uma aproximação etnográfica por meio de uma perspectiva *de perto e de dentro* (Magnani, 2002), ao menos valíamos de uma modalidade do método etnográfico caracterizada como *de passagem*, ou seja, vislumbrávamos “percorrer a cidade e seus meandros observando espaços, equipamentos e personagens típicos com seus hábitos, conflitos e expedientes, deixando-se imbuir pela fragmentação que a sucessão de imagens e situações produz” (Magnani, 2009, p.106-107).
- 5 Obviamente, o olhar e a audição de cada um dos envolvidos nessa caminhada atinaram para algo. No meu caso, em particular, tentei guiá-los para os usos e as apropriações de determinados espaços por parte de múltiplos atores. Circulamos em torno de vários palcos em que aconteciam as apresentações, a começar pelo da Praça da República, onde ocorriam shows de jazz, soul, tango, dentre outros estilos. Centenas de pessoas se posicionavam diante do palco ou do coreto, ávidas por assistirem as atrações nacionais e internacionais presentes. Caminhamos em direção ao Largo do Arouche, ocasião em que fomos surpreendidos pelos shows “românticos”. O cantor Guilherme Arantes entoava suas canções para uma platéia composta por adultos, crianças com seus respectivos pais, além de idosos, que se aglutinavam num espaço que ainda não estava tão cheio. De lá fomos para a Avenida São João. Desde então reparei a presença de jovens, muitos com camisetas de bandas, transitando por ali. Não obstante, ao olhar para o palco atentei que as roupas pretas dos espectadores eram indicativas de que shows de rock aconteceriam no local, o que de fato ocorreu. A Avenida São João, que em outras datas é marcada pelo intenso trânsito de automóveis, naquele fim de semana foi apropriada por alguns ciclistas e skatistas, que aproveitavam os espaços livres para fazerem suas práticas. Também passamos pela Rua Barão de Itapetininga, além de ruas transversais a mesma, onde aconteciam eventos “não-oficiais” à Virada Cultural. Certos artistas portavam seus próprios instrumentos e conseguiam mobilizar, ainda que de forma efêmera, a atenção daqueles que iam de um palco ao outro. Apesar das muitas atrações contempladas pelo público, também havia aquelas que conseguiam desviar o olhar ou até mesmo o trajeto das pessoas que passavam. É o caso das performances feitas num pequeno palco em que homens e mulheres eram suspensos por ganchos cravados na pele. Ouvi de uma moça, que passava pelas proximidades ao lado de outra pessoa, que ela não teria coragem de ver o “sacrifício” exposto. Todavia, também ficava evidente que essa situação reunia curiosos interessados em ver de perto essa prática “exótica” ao ponto de vista de muitos.
- 6 A caminhada prosseguiu. Filas se formavam próximas a alguns cinemas, com destaque para o Cine Olido. Em frente à Galeria do Rock – a qual estava fechada – havia muitos *headbangers*, reunidos em círculos ou sentados no chão, tomando vinho. Alguns metros a frente nos deparamos com africanos e hippies, que se colocavam lado a lado num

mesmo espaço para vender seus artefatos. No Bulevar São João, várias cantoras se revezavam no palco que homenageava Elis Regina, falecida há 30 anos. Ficamos apenas alguns minutos por ali, seguindo nosso trajeto rumo ao Vale do Anhangabaú. O local, que cotidianamente se constitui como um *pico* para os skatistas, abrigou espetáculos de balé e da orquestra sinfônica, que eram assistidos por centenas de pessoas sentadas em cadeiras de plástico.

- 7 Para orientar os participantes da Virada Cultural, alguns funcionários da prefeitura distribuía gratuitamente a programação oficial, na qual podia ser visto um mapa que indicava detalhadamente todas as atrações conforme cada espaço do Centro. De acordo com essa programação, nada seria realizado no Viaduto do Chá. Mas ao passarmos por lá topamos com uma série de performances de artistas de rua, que faziam das calçadas um palco para suas apresentações individuais. Guardas municipais e policiais circulavam por ruas e praças atentos a todos os acontecimentos. Aqueles vendedores ambulantes que não tinham permissão para atuação no evento eram alvos dos guardas, que não mediam esforços para prender seus produtos. Já na praça próxima ao Largo São Francisco, diversas barracas, com funcionamentos autorizados pelo poder público, vendiam uma variedade de lanches, como os tradicionais pastéis de feira, doces, comidas orientais, etc.
- 8 O entorno do palco do samba estava bastante cheio. Já sentíamos a lotação do espaço público na medida em que as horas se passavam. Mas essa aglomeração não era capaz de tirar o ânimo dos frequentadores, que cantavam algumas músicas ou arriscavam gingados com o corpo conforme o ritmo tocado. Do samba ao sarau. O Largo São Bento reunia jovens interessados por poesias. Vale salientar que muitos deles são participantes de um circuito de saraus que ocasionalmente ocorre em regiões periféricas da cidade. As pessoas se revezam no palco e, entre uma declamação e outra, eram aplaudidas por uma platéia relativamente pequena. Alguns dos presentes não entendiam certos códigos em voga na situação, tanto que foi possível ver um homem reclamando da ausência de apresentações musicais no local. Passamos por uma feira de livro no Viaduto Santa Ifigênia e dali prosseguimos até o ponto inicial de nossa caminhada, a Praça da República. Lá encontramos um cenário ainda mais movimentado e efervescente, se comparado à nossa chegada horas antes.
- 9 Levando em conta os pressupostos de De Certeau (2009), a Virada Cultural nos revelou como os usos dos espaços urbanos não se adequam a planificação urbanística. Calçadas viravam bancos, muros se transformavam em banheiros, ao passo que as árvores pareciam arquibancadas. Os equipamentos da região central adquiriam novas finalidades conforme as apropriações realizadas pelos milhares de atores participantes do evento.
- 10 Por volta das 23 horas fui embora. Mas ao chegar à estação de metrô percebi que as festividades estavam apenas começando. Mais e mais pessoas se amontoavam para passar pelas catracas, dando início ao *circuito* (Magnani, 2002) elaborado por elas em meio à programação da Virada Cultural. Durante o tempo em que estive no Centro circulei por vários espaços, sendo que muitos eu ainda desconhecia. Ademais, por meio da prática etnográfica pude relativizar certas percepções estereotipadas, tais como descritas no começo deste texto, as quais muitas vezes não passam de uma visão homogeneizante de um evento que não constitui um todo acabado, mas um complexo de situações que resultam não só em conflitos, mas também no estabelecimento de formas de sociabilidade, mesmo entre os desconhecidos.

- 11 Por fim, vale destacar que a realização de um breve relato *de passagem*, como este, pode nos fazer sentir um tanto *estrangeiro* na própria cidade onde vivemos. Partindo desse princípio, o grupo de pesquisadores envolvidos nessa caminhada coletiva teve a oportunidade de apreciar a cidade do ponto de vista daqueles que, exatamente por causa da diversidade de seu modo de vida, se apropriam dela de forma também diferenciada (Magnani, 1993).
-

BIBLIOGRAFIA

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Editora Vozes, 2009, 16° ed.

MAGNANI, José Guilherme C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol.17, n° 49, 2002, p. 11-29.

_____. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*. Disponível em <http://www.n-au.org/ruasimboloesuporte.html>. Acesso em 31 de maio de 2012.

_____. “Etnografia urbana”. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (orgs.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra, Almedina, 2009, p. 101-113.

SIMMEL, Georg. “O estrangeiro”. In: MORAES, Evaristo (org.). *Sociologia: Simmel*, São Paulo, Ática, 1983 [1908].